

DIFERENÇAS GRAMATICAIIS ENTRE A LIBRAS E A LÍNGUA PORTUGUESA COM ÊNFASE À CONJUGAÇÃO E TRANSITIVIDADE VERBAL

Iara Mikal Holland Olizaroski
Beatriz Helena Dal Molin

DIFERENÇAS GRAMATICAIS ENTRE A LIBRAS E A LÍNGUA PORTUGUESA COM ÊNFASE À CONJUGAÇÃO E TRANSITIVIDADE VERBAL

Iara Mikal Holland Olizaroski¹

Beatriz Helena Dal Molin²

RESUMO:

No Brasil a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida pela Lei Nº 10.436/2002 como meio legal de comunicação e expressão dos surdos. Contudo, a mesma Lei postula que a Libras não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa (LP), o que obriga o surdo a conceber a escrita em LP como sua segunda língua (L2). Contudo, a Libras e a LP são de modalidades distintas, sendo essa oroauditiva e aquela visuoespacial, o que resulta em gramáticas diferentes. Esse fato leva o surdo a cometer algumas inadequações no ato da escrita, uma vez que tende a transferir a gramática da sua língua natural (LN) para a L2 (Aspilicueta, 2006). Das inadequações cometidas, uma das mais recorrentes trata-se da conjugação e transitividade verbal, pois esses elementos morfossintáticos manifestam-se, na Libras, de forma muito dissemelhante à LP. Diante desse contexto, este artigo³ tem como objetivo apresentar as diferenças gramaticais entre a Libras e a LP no que concerne a elementos fonético-fonológicos e morfológicos e, mais especificamente, a elementos morfossintáticos referente à conjugação e transitividade verbal. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, com base nos estudos de Ferreira (2010); Quadros e Karnopp (2004); Finau (2004); Cunha e Cintra (1985) e Tufano (1990).

PALAVRAS-CHAVE:

Libras, Língua Portuguesa, Diferenças gramaticais.

¹ Doutora em Letras pela Universidade do Oeste do Paraná (Unioeste), de Cascavel-PR. Docente no curso de Letras Libras Licenciatura e Bacharelado do NEaDUNI/Unioeste/UAB; na Rede Municipal de Educação de Cascavel-PR (Semed) e; na Rede Estadual de Educação do Paraná (Seed).

² Professora titular da Universidade do Oeste do Paraná (Unioeste), de Cascavel-PR. Coordenadora do NEaDUNI. Pós-doutorado no programa de Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina (USFC). Doutora em Engenharia de Produção na área de Mídia e Conhecimento. Mestre em Linguística na área de Análise do Discurso.

³ Este artigo apresenta um recorte da tese de Doutorado intitulada "Da Libras escrita à escrita em Língua Portuguesa: Uma proposta didático-pedagógica para aperfeiçoar a escrita em Língua Portuguesa dos acadêmicos surdos de Letras Libras do NEaDUNI".

1 DIFERENÇAS GRAMATICAIS ENTRE A LIBRAS E A LP

A língua de sinais é a língua natural (LN) do surdo, assim como a língua falada é a LN do ouvinte. No Brasil, com a promulgação da Lei Nº 10.436/2002, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi “reconhecida como meio legal de comunicação e expressão” (Brasil, 2002) do surdo. Contudo, essa mesma Lei postula que a Libras não pode substituir a Língua Portuguesa (LP) em modalidade escrita, a qual passa a ser a segunda língua (L2) do surdo. Em outras palavras, mesmo a Libras sendo a LN do surdo, ele deve, por força de lei, conhecer e empregar a escrita em LP em diversos contextos sociais.

Ocorre que LP e a Libras são línguas distintas em modalidade em decorrência do canal de comunicação utilizado pelos seus falantes (Gesser, 2009), sendo a LP de modalidade oroauditiva e a Libras, visuoespacial, influenciando diretamente no modo de produção e percepção da linguagem, diante do qual se estabelece “a presença de ordem linear (sequência horizontal no tempo) entre os fonemas das línguas orais e sua ausência nas línguas de sinais, cujos fonemas são articulados simultaneamente” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 49).

A simultaneidade, recorrente nas línguas visuoespaciais, e a linearidade, predominante nas línguas oroauditivas, determinam a gramática das línguas, diferenciando-as em vários tópicos, como o fonético-fonológico e o morfossintático e se evidenciam, em especial, no ato da escrita em LP por usuários natos da Libras, uma vez que eles tendem a transferir elementos linguísticos de sua LN para a L2. Essa transferência linguística, explicada por Aspilicueta (2006, p.17) como o “papel que a L1 desempenha no processo de aquisição de uma L2”, pode resultar em inadequações gramaticais por parte do surdo, pois ele tende a se expressar, por escrito, da mesma forma como sinaliza.

O quadro abaixo evidencia, de forma sintetizada, a complexidade gramatical da Libras e da LP, com ênfase nos elementos fonético-fonológicos e morfológicos de ambas as línguas.

Quadro 1 – Elementos fonético-fonológicos e morfológicos da Libras e da Língua Portuguesa

Elementos fonético-fonológicos	
LIBRAS⁴	LÍNGUA PORTUGUESA⁵
Unidades mínimas sem significado/fonemas: configuração de mão (CM), movimento da mão (M), locação da mão (L), orientação das mãos (Or) e expressões não-manuais (ENM). Essas constituem as unidades mínimas de significado/morfemas.	Menor elemento sonoro/fonema capaz de estabelecer uma distinção de significado entre as palavras: vogais, semivogais e consoantes (podem ser surdas ou sonoras; orais ou nasais; oclusivas ou constrictivas fricativas, laterais ou vibrantes simples ou múltiplas; bilabiais, labiodentais, linguodentais, alveolares, palatais ou velares). Essas constituem as menores unidades dotadas de significação/morfemas.
Elementos morfológicos	
LIBRAS	LÍNGUA PORTUGUESA
Processos não-concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização, para formar os sinais, que podem ocorrer por meio de processos derivacionais ou flexionais. <u>Processos de derivação</u> Mudança de classe: processo no qual nomes derivam de verbos ou vice-versa por meio da repetição do movimento dos nomes e encurtamento do movimento dos verbos (TELEFONAR/TELEFONE); Composição: processo autônomo de junção de duas bases preexistentes para criar um vocábulo por meio de regra de contato, sequência única ou antecipação da mão dominante (ACREDITAR [saber + estudar]); Incorporação de numeral: processo de combinação de dois morfemas para criar significados por meio do acréscimo de um número caracterizando-se como um morfema preso (UM-MÊS, DOIS-MESES); Incorporação da negação: processo de alteração de parâmetros, em especial o M, fazendo surgir a contraparte negativa (TER/NÃO-TER) ou por meio da expressão	Processo de formação e classificação das palavras isoladas de seu contexto e funções. <u>Formação de palavras</u> Derivação prefixal: quando há acréscimo de prefixos (prefácio, evangelho). Derivação sufixal: i) nominal – formam substantivos (papeleria) e adjetivos (risonho); ii) verbal – formam verbos (atualizar); adverbiais formam advérbios (felizmente). Derivação regressiva: quando há redução da palavra (beijar/beijo). Derivação imprópria: quando há mudança da classe gramatical (o jantar, os bons). Derivação parassintética: quando há junção simultânea de um prefixo e um sufixo a um radical formando nomes (desalmado) e verbos (emudecer). Composição: processo que consiste na junção de dois ou mais radicais por meio de: i) justaposição – quando os radicais não sofrem alteração (passatempo); ii) aglutinação – quando um ou mais radicais sofrem algum tipo de alteração (planalto). Hibridismo: palavras formadas de elementos tirados de línguas diferentes (automóvel =

⁴ Conceitos e exemplos coletados de Quadros e Karnopp (2004).

⁵ Conceitos e exemplos coletados de Tufano (1990).

facial de negação incorporada ao sinal sem alteração de parâmetros (CONHECER/NÃO-CONHECER); <u>Processos de flexão</u> Pessoa/deixis (IX): i) marcada pela apontação para estabelecer a 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular (EU, VOCÊ, ELE) e do plural (NÓS, VOCÊS, ELES) e pela incorporação da direção, ou seja, dos pontos de início e fim do movimento para estabelecer as formas verbais para as pessoas (EU ENTREGAR TU/ ENTREGAR EU/ ELE ENTREGAR ELE); ii) marcada pela apontação explícita para referentes presentes e não-presentes, esses estabelecidos por pontos arbitrários no espaço e aqueles, por meio da apontação à frente do sinalizador para a real posição do referente IX (apontando para o local onde se está) e IX (apontando para posições topográficas do local que se quer mencionar); iii) estabelecimento do espaço por meio da apontação em várias direções para se mencionar as personagens do discurso (personagem 1/XI à direita, personagem 2/IX à esquerda), associando a direção do olhar e a posição do corpo ao referente. Verbos: i) simples – não flexionam em pessoa e número e não incorporam afixos locativos (APRENDER, AMAR...); ii) com concordância – flexionam em pessoa, número e aspecto, não incorporam afixos (ENVIAR, PROVOCAR...); iii) espaciais – têm afixos locativos (IR, HEGAR...). Há, ainda, a flexão do verbo com concordância direcionando-se para um, dois, três ou mais referentes de acordo com o objeto indireto ((JOÃO) ENTREGARa (LIVRO), ((JOÃO) ENTREGARa+b (LIVRO), ((JOÃO) ENTREGARa+b+c (LIVRO) e ((JOÃO) ENTREGARa+b+c+d (LIVRO). Aspecto distributivo: flexão em número dos verbos com concordância de forma i) exaustiva (ENTREGAR-PARA-ELES [ação repetida do verbo a um único referente]); ii) específica (ENTREGAR-PARA-ELES [ação de	auto [grego] + móvel [latim]). Onomatopeia: formadas para reproduzir sons ou ruídos (toc-toc, zunzum). Abreviação vocabular: redução de uma palavra até limites que não prejudiquem a compreensão (moto/motocicleta). Sigla: formada com as letras iniciais que compõem um determinado nome (ONU/Organização das Nações Unidas). <u>Classes de palavras</u> Substantivo: nomeia tudo o que existe desde seres, objetos, fenômenos, lugares, qualidades, ações, sentimentos e classificam-se em i) próprio (Antônio, Rio de Janeiro, Brasil); ii) comum (homem, cidade, país); coletivo (povo, boiada, assembleia); concreto (Europa, mesa, nuvem); abstrato (felicidade, bondade, estudo); primitivo, ferro, livro); derivado (ferreiro, livreiro). Adjetivo: palavra ou locução que modifica o substantivo atribuindo-lhe uma característica boa ou ruim ou estado (gentil, doente, com fome). Artigo: determina (o, a) ou indetermina (um, uma) o substantivo. Numeral: quantifica ou indica posição numa série, apresentando-se como: i) cardinais (um, dois, três); ii) ordinais (primeiro, segundo); iii) multiplicativos (dobro, triplo); iv) fracionários (meio, terço). Pronome: substitui ou modifica um substantivo, dividindo-se em: i) pessoais do caso reto – função de sujeito [quem fala (eu, nós), com quem se fala (tu/você, vós/vocês) e de quem se fala (ele, eles)] e do caso oblíquo: função de complemento [tônicos (mim, conosco), átonos (me, nos)]. Esses podem, também, desempenhar a função reflexiva [reflete a ação praticada pelo sujeito (feriu-se)] e a função recíproca [expressa ação mútua praticada por dois sujeitos (Pedro e João abraçaram-se.); ii) de tratamento – utilizado no trato com as pessoas a depender do grau de formalidade, título ou função que exercem (você, senhor, Vossa Excelência); iii) possessivo – da ideia de posse (meu, teu,
--	--

distribuição do verbo para referentes específicos]; iii), não-específica (ENTREGAR-PARA-ELES [ação de distribuição do verbo para referentes indeterminados]). Reciprocidade: duplicação simultânea do sinal (OLHAR [sinal realizado com ambas as mãos]). Foco e aspecto temporal: flexão temporal sem a inclusão de número que pode ocorrer de forma i) incessante (CUIDAR [repetição incessante do sinal]); ii) ininterrupta (CUIDAR [sinal permanece parado]); iii) habitual (CUIDAR [repetição mais devagar do sinal]); iv) contínua (GASTAR [movimento circular maior]); v) duracional (GASTAR [movimento circular com uma e outra mão consecutivamente]).	seu); iv) demonstrativo – indicam a posição no tempo e no espaço (este, esse, aquele); v) indefinidos – referem-se a seres e coisas de modo vago e indeterminado (algum, todo, algo); vi) interrogativos – indefinidos utilizados em frases interrogativas (quê?, quem?, qual?, quantos?); vii) relativos – retomam um termo expresso anteriormente (que, quem, o qual). Verbo: palavra variável que exprime ação, estado ou fenômeno da natureza, a qual apresenta, do ponto de vista estrutural, radical, tema, desinência modo-temporal e desinência número-pessoal. O verbo pode ser regular, irregular, defectivo, abundante ou anômalo. Advérbio: palavra ou locução que modifica um verbo, um adjetivo ou um outro advérbio, dando ideia de: i) afirmação (realmente, por certo); ii) dúvida (talvez, acaso); iii) intensidade (bastante, quão); iv) lugar (abaixo, à direita); v) modo (rapidamente, às pressas); vi) negação (não, absolutamente); vii) tempo (sempre, de vez em quando). Interjeição: emoções e sentimentos que podem expressar: i) advertência (cuidado!); ii) afugentamento (fora!); iii) alegria ou satisfação (viva!); iv) alívio (ufa!); v) animação ou estímulo (vamos!); vi) aplauso ou aprovação (bravo!); vii) repulsa ou desaprovação (francamente!); viii) desejo ou intensão (tomara!); ix) desculpa (perdão!); x) dor ou tristeza (ai!); xi) espanto ou admiração (puxa!); xii) impaciência ou contrariedade (ora!); xiii) pedido de auxílio (socorro!); xiv) saudação, chamamento ou invocação (adeus!); xv) silêncio (psiu!); xvi) terror ou medo (cruzes!). Há também as conjunções interjetivas (Graças a Deus! Quem me dera!). Preposição: palavra ou locução que liga dois termos (a, com, para, a fim de que, antes de, dentro de), podendo, inclusive, juntar-se com outras palavras por meio de: i) combinação – quando não perde nenhum fonema (ao [a + o]); ii) contração – quando
---	---

	perde um fonema (do [de + o], daquilo [de + aquilo]). Conjunção: palavra ou locução que liga orações ou termos semelhantes da mesma oração. São divididas em coordenativas: i) aditivas (e, bem como); ii) adversativas (mas, no entanto); iii) alternativas (ou, ora...ora); iv) conclusivas (assim, por isso); explicativas (pois, porque) e subordinativas integrantes (que, se) e subordinativas adverbiais: i) causais (porque, visto que); ii) concessivas (embora, mesmo que); iii) condicionais (se, desde que); iv) conformativas (conforme, segundo); v) finais (porque, a fim de que); vi) proporcionais (quanto mais... mais); vii) temporais (quando, assim que); viii) comparativas (como, tanto quanto); ix) consecutivas (de modo que). Das classes de palavras apresentadas acima, o advérbio, a interjeição, a preposição e a conjunção são invariáveis; o substantivo, o adjetivo, o artigo, o numeral, o pronome e o verbo são variáveis, pois admitem flexão em gênero e número.
--	--

Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004) e Tufano (1990).

Comparar elementos gramaticais da Libras e da LP nos permite entender melhor o léxico-gramatical dessas línguas, evidenciando que, em virtude das especificidades inerentes à modalidade visuoespacial em contraste com a oroauditiva, são estabelecidos processos distintos de construção e flexão de sinais e palavras. Isso é particularmente relevante no caso dos verbos, que, segundo Perini (2207), constituem uma classe de palavra que, tradicionalmente, pode ser considerada bem estabelecida, com um comportamento morfossintático homogêneo e estável no que diz respeito à flexão e à função sintática. Nos aprofundaremos, a seguir, nas manifestações dos verbos na Libras e na LP, analisando suas particularidades.

2 O VERBO E SUAS MANIFESTAÇÕES NA LIBRAS

A estabilidade do verbo, na Libras, pode ser constatada por meio da representação antagônica, no espaço, de verbos direcionais e não-direcionais, classificação atribuída por Lucinda Ferreira, na obra embrionária publicada em 1995 e reimpressa em 2010, sobre descrição linguística da Libras intitulada “Por uma Gramática da Língua de Sinais”, escrita a partir de estudos sobre a Língua de Sinais Americana (ASL), fundamentada em Lynn Friedman (1976) e Carol Padden (1980).

Na referida obra, a autora postula que a Libras “é uma língua natural com toda a complexidade que os sistemas linguísticos que servem à comunicação e de suporte de pensamento às pessoas dotadas da faculdade de linguagem possuem” (Ferreira, 2010, p. 11). Essa complexidade se manifesta, durante a sinalização, por meio da combinação de parâmetros como a configuração de mão (CM), movimento da mão (M), locação da mão (L), orientação das mãos (Or) e expressões não-manuais (ENM), a depender da classe gramatical. Os verbos, em específico, têm comportamentos gramaticais diretamente influenciados pela necessidade ou não de articulação desses parâmetros.

Quadro 2 – Classificação dos verbos na Libras

Verbos não-direcionais: são verbos sinalizados sem a necessidade da realização de movimento para determinar a concordância espacial. Subdividem-se em:

- i) ancorados ao corpo – são verbos não flexionáveis, geralmente de estado e alguns de ação, cujos sinais são feitos em contato com o corpo ou muito próximos a ele.
Alguns exemplos: PENSAR⁶, ENTENDER, DUVIDAR, GOSTAR, COMER, CONVERSAR;
- ii) que incorporam o objeto – são verbos que têm uma forma de citação específica, mas quando incorporados ao objeto, um ou mais parâmetros mudam em função de suas especificidades, apresentando o verbo e o objeto simultaneamente articulados.
Alguns exemplos: COMER–MAÇÃ, BEBER–CAFÉ, BEBER–PINGA;
- iii) que apresentam flexão ainda que apenas de um sintagma nominal – o sujeito desse tipo

⁶ Palavras grafadas com letras maiúsculas referem-se, neste artigo, aos sinais em Libras. Essa representação trata-se de glosas. A glosa é muito utilizada na transcrição da Libras para a LP para representar os sinais no processo de investigação dos procedimentos técnicos de tradução. Nas palavras de Santos (2012, p.178): trata-se de “um recurso para transcrição de traduções de palavras, frases e textos da língua fonte para a língua alvo. Tal prática é utilizada na necessidade da análise de um determinado trecho do discurso”.

de verbo pode vir ou não explícito. Esse verbo não contém movimento linear e o objeto é flexionado em número e pessoa.

Alguns exemplos: CASA PEGAR FOGO, AVIÃO VOAR EXPLODIR.

Verbos direcionais: verbos sinalizados no espaço neutro, por meio do movimento que determina a concordância espacial, sem ambiguidade entre sujeito e objeto e apresentam um movimento linear do verbo, marcando um ponto inicial e um ponto final. Subdividem-se em:

(i) irreversíveis – são verbos que marcam como ponto inicial do sinal verbal o sujeito e como ponto final o objeto direto, objeto indireto ou locativo.

Alguns exemplos: DAR, PERGUNTAR, AVISAR, RESPONDER;

(ii) reversíveis – são verbos que marcam como ponto inicial do sinal verbal o objeto direto, objeto indireto ou locativo e como ponto final o sujeito.

Alguns exemplos: PEGAR, TIRAR, CONVIDAR.

Fonte: Elaborado com base em Ferreira (2010).

Alguns verbos, principalmente os não-direcionais que incorporam o objeto, são classificadores (Cls)⁷, pois, como o próprio nome diz, incorporam o objeto, geralmente o direto, ao qual se referem. Embora os Cls existam também nas línguas oroaditivas, são muito mais frequentes nas línguas visuoespaciais, já que se posicionam como morfemas que exploram o espaço multidimensional durante a realização do sinal (Ferreira, 2010).

Há, também, a classificação para os verbos apresentada por Quadros e Karnopp (2004) na obra intitulada “Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos”:

a) Verbos simples – são verbos que não se flexionam em pessoa e número e não incorporam afixos locativos. Alguns desses verbos apresentam flexão de aspecto. Exemplos dessa categoria são CONHECER, AMAR, APRENDER, SABER, INVENTAR, GOSTAR [...]; b) Verbos com concordância – são verbos que se flexionam em pessoa, número e aspecto, mas não incorporam afixos locativos. Exemplos dessa categoria são DAR, ENVIAR, RESPONDER, PERGUNTAR, DIZER, PROVOCAR [...]; c) Verbos espaciais – são verbos que têm afixos locativos. Exemplos dessa classe são COLOCAR, IR, CHEGAR (Quadros; Karnopp, 2004, p. 116-118).

⁷ Os classificadores são morfemas que existem em línguas orais e línguas de sinais. Entre as primeiras, as línguas orientais são as que mais apresentam classificadores. As línguas de sinais talvez por serem línguas espaço-visuais, fazem uso frequente de vários tipos de classificadores, explorando também, morfologicamente o espaço multidimensional em que realizam os sinais (Ferreira, 2010, p. 102).

Comparando a classificação estabelecida por Ferreira (2010) à de Quadros e Karnopp (2004), consideramos que os verbos não-direcionais, sejam eles ancorados ao corpo, que incorporam o objeto ou que apresentam flexão em um sintagma nominal, bem como os verbos direcionais, sejam irreversíveis ou reversíveis (Ferreira, 2010), tratam-se, respectivamente, dos verbos simples e dos verbos com concordância e os espaciais (Quadros; Karnopp, 2004), o que torna a classificação única, distinta apenas em nomenclatura.

Para além dessas classificações, vale, ainda, mencionar a categoria de aspecto⁸ temporal e distributivo que se manifestam de forma incorporada à sinalização do verbo. O primeiro serve para distinguir o tempo de duração de um verbo e; o segundo, relaciona-se com a flexão de número nos verbos que apresentam concordância e nos verbos espaciais. Assim, um aspecto temporal pode se apresentar de modo incessante, ininterrupto, habitual, contínuo ou duracional e; um aspecto distributivo pode ser exaustivo, de distribuição específica ou de distribuição não específica (Quadros; Karnopp, 2004).

Para Finau (2004), as categorias de tempo e aspecto são expressas principalmente por meio de estruturas que marcam eventos, tais como movimento e duração; momento de início e término e; sequência e ordenação. A autora afirma que é necessário “prestar atenção ao contexto e à relação entre os eventos para conseguir fazer escolhas, bem como considerar as inferências contextuais possíveis aos seus interlocutores” (Finau, 2004, p. 62).

⁸ De modo amplo, aspecto é uma categoria que se refere “à *duração do processo verbal, independentemente da época em que esse processo ocorre*. Essa duração pode ser representada como momentânea ou contínua, eventual ou habitual, completa ou incompleta” (AZEREDO, 2011, p. 206, grifo do autor).

Quadro 3 – Descrição da realização das categorias tempo e aspecto

TEMPO	ASPECTO	
Pode estar na raiz verbal, no emprego semântico dos advérbios na linha temporal ou é dado por flexões com modificações no parâmetro movimento.	Alteração da velocidade ou da frequência no parâmetro movimento.	
	DURATIVO	DISTRIBUTIVO
	Alteração da frequência no parâmetro movimento.	Alteração da frequência no parâmetro movimento e flexão de número.

Fonte: Adaptado de Finau (2004).

Para a autora, não se pode considerar que a expressão aspectual ocorre apenas na forma verbal, mas “como resultado da combinação semântica do verbo com as flexões gramaticais, com as expressões temporais (adjuntos adverbiais, por exemplo) e com argumentos verbais” (Finau, 2004, p. 36).

Ainda, segundo a autora, a categoria tempo se realiza de diversas formas, marcada, inclusive, na própria raiz verbal, bem como por meio de advérbios temporais, representados por sinais que indicam o presente, o qual mantém, geralmente, o corpo estático; o passado e o futuro, ambos marcados numa linha temporal, sinalizados de forma icônica com movimentos para trás e para frente, respectivamente. A categoria aspecto, por sua vez, marca a durabilidade de um verbo, incidindo na realização incessante, ininterrupta, recorrente, sistematicamente contínua ou permanente de uma ação, a qual pode se manifestar por meio da velocidade, frequência, flexão de número e, ainda, por processos não manuais, como a expressão facial, por exemplo.

A realização das categorias tempo e aspecto na Libras dão conta de indicar a ocorrência de uma ação, por meio da alteração/modificação da velocidade e frequência do movimento, flexão de número, emprego de advérbios, expressão facial dentre outros. Tudo isso é apreendido espontaneamente pelo surdo nativo, quando em contato com sua LN, assim como um ouvinte apreende naturalmente sua língua oroauditiva. Contudo, a diferença gramatical quanto à organização morfossintática existente entre essas duas modalidades de língua, interfere no aprendizado de ambas. Em outras palavras, assim como as noções gramaticais da Libras são complexas para os ouvintes, levando-os ao português sinalizado, as noções

gramaticais da LP também são complexas para os surdos, induzindo-os, muitas vezes, à transferência linguística e incidindo em inadequações ao escreverem em LP. Daí a necessidade de compreender a gramática da LP, especialmente a classe dos verbos, por ser tão distinta da sua LN.

3 O VERBO E SUAS MANIFESTAÇÕES NA LÍNGUA PORTUGUESA

Na LP, o verbo é abordado sob dois vieses que se complementam, o morfológico-normativo e o morfológico-descritivo. Nesse, é definido como “a palavra que pertence a um lexema cujos membros se opõem quanto a número, pessoa e tempo” (Perini, 2007, p. 320). Naquele, é explicado como “uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo” (Cunha; Cintra, 1985, p. 367).

As variações próprias do verbo em LP referem-se à pessoa, ao número, ao modo, ao tempo, à voz e ao aspecto. O número-verbal depende da quantidade de sujeitos na oração (um ou mais), podendo se apresentar no singular ou no plural, representados, tradicionalmente, pelos pronomes pessoais do caso reto eu, tu, ele (no singular) e nós, vós e eles (no plural). Esses pronomes determinam a pessoa verbal segundo o sujeito, que pode ser em 1ª pessoa (quem fala), 2ª pessoa (com quem se fala) ou 3ª pessoa (de quem se fala). Tais variações determinam a desinência número-pessoal.

O modo, por sua vez, representa “as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia” (Cunha; Cintra, 1985, p. 368). São três os modos em LP: indicativo, subjuntivo e imperativo. O indicativo, como o próprio nome sugere, indica algo que certamente aconteceu, acontece e acontecerá, diferentemente do subjuntivo, que tem por função manifestar um desejo ou uma súplica diante de algo que devia ter acontecido, talvez aconteça ou se acontecesse. Dessa forma, esses dois modos – indicativo e subjuntivo – sugerem acontecimentos em três tempos básicos:

presente, passado/pretérito e futuro. Já o imperativo, manifesta uma ordem, algo que se manda ou não realizar e, devido seu caráter ordenativo, só pode ser proferido no tempo presente, apresentando-se de modo afirmativo ou negativo. As variações em modo e tempo se manifestam na conjugação por meio da desinência modo-temporal.

Quadro 4 – Conjugação verbal em Língua Portuguesa

INDICATIVO		
PRESENTE: Expressa um fato atual.		
PRETÉRITO	IMPERFEITO: Expressa um fato que ocorre num momento anterior ao atual, mas que não foi completamente terminado.	
	PERFEITO	SIMPLES: Expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual e que foi totalmente terminado.
		COMPOSTO: Expressa um fato que teve início no passado e que pode se prolongar até o momento atual.
		MAIS-QUE-PERFEITO
FUTURO	DO PRESENTE	SIMPLES: Enuncia um fato que deve ocorrer num tempo vindouro com relação ao momento atual.
		COMPOSTO: Enuncia um fato que deve ocorrer posteriormente ao momento atual, mas já terminado antes de outro fato futuro vir a acontecer.
	DO PRETÉRITO	SIMPLES: Enuncia um fato que pode ocorrer posteriormente a um determinado fato passado.
		COMPOSTO: Enuncia um fato que poderia ter ocorrido posteriormente a um determinado fato passado.
SUBJUNTIVO		
PRESENTE: Enuncia um fato que pode ocorrer no momento presente.		
PRETÉRITO	IMPERFEITO: Expressa um fato passado, mas posterior a outro já ocorrido. Também utilizado nas construções em que se expressa a ideia de condição ou desejo.	
	PERFEITO	COMPOSTO: Expressa um fato totalmente terminado num momento passado.
	MAIS-QUE-PERFEITO	COMPOSTO: Expressa um fato ocorrido antes de outro fato já terminado.
FUTURO	DO PRESENTE	SIMPLES: Enuncia um fato que pode ocorrer num momento futuro em relação ao atual.
		COMPOSTO: Enuncia um fato posterior ao momento atual, mas já terminado antes de outro fato futuro vir a acontecer.
IMPERATIVO		
AFIRMATIVO: Expressa uma ordem, desejo ou pedido a ser realizado.		
NEGATIVO: Expressa uma ordem, desejo ou pedido a não ser realizado.		

Fonte: Adaptado de Tufano (1990).

A desinência número-pessoal, determinada pelo modo e tempo que o verbo é capaz de apresentar, pode, segundo Bechara (2009), sofrer variação em voz, manifestando-se de forma ativa, passiva ou reflexiva, influenciando sintaticamente a classificação de sujeito (S) e de objeto (O) da oração. Isso porque o S da voz ativa passa a ser O na voz passiva e o O da voz ativa passa a ser S na voz passiva. Nesses casos a conjugação se dá por meio de um verbo auxiliar + o particípio do verbo principal. A voz reflexiva, por sua vez, compõe-se da voz ativa + um pronome oblíquo (PO) de igual pessoa a que o verbo se refere. O autor nos fornece os seguintes exemplos, respectivamente: i) Eu (S) escrevo a carta (O); ii) A carta (S) é escrita por mim (O); Eu (S) me (PO) visto.

A última variação verbal trata-se do aspecto, o qual, conforme Cunha e Cintra (1985, p. 370) refere-se à forma como a ação expressa pelo verbo é vista em relação ao tempo e à sua conclusão. Ou, nas palavras dos autores, o aspecto

[...] designa 'uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo'. Pode ele considerá-la concluída, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la não concluída, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição (Cunha; Cintra, 1985, p. 370, grifos do autor).

O aspecto verbal considerado como a interpretação de uma ação como concluída ou não, observada na sua duração ou repetição, pode, segundo Cunha e Cintra (1985), ocasionar algumas oposições aspectuais.

Quadro 5 – Oposições aspectuais na Língua Portuguesa

OPOSIÇÃO ASPECTUAL	CONCEITO	RESPECTIVOS EXEMPLOS
pontual/durativo	Indica o tempo (curto ou longo) expresso pelo verbo.	Acabo de ler Os Lusíadas. Continuo a ler Os Lusíadas.
contínuo/descontínuo	Incide sobre o processo de desenvolvimento do verbo.	Vou lendo Os Lusíadas. Voltei a ler Os Lusíadas.
incoativo/conclusivo	Exprime, respectivamente, fase inicial e a fase final de	Comecei a ler Os Lusíadas. Acabei de ler Os Lusíadas.

	um verbo.	
forma simples/perífrase durativa	Ocorre diante da utilização de perífrases verbais, isto é, na substituição de verbos simples por locuções verbais.	Leio estou lendo (ou estou a ler)
ser/estar	Ambos passivos, o primeiro passivo de ação e o segundo passivo de estado.	Ele foi ferido. Ele está ferido.

Fonte: Adaptado de Cunha e Cintra (1985).

Os verbos, além de variáveis, têm classificações distintas inerentes à possibilidade ou não de conjugação, podendo ser: regulares, irregulares, defectivos ou abundantes. Os regulares mantêm o radical e se flexionam de acordo com um paradigma comum ao tipo de conjugação a que pertencem, sendo da 1ª conjugação os verbos terminados em -ar; da 2ª conjugação os verbos terminados em -er e; da 3ª conjugação os verbos terminados em -ir. Os irregulares alteram o radical e se afastam do paradigma de sua conjugação. Os defectivos não são conjugados em todos as pessoas, tempos e modos. E os abundantes possuem duas ou mais formas equivalentes aceitas pela gramática: o gerúndio, terminado em -ndo e; o particípio, terminados em -ado ou -ido (Cunha; Cintra, 1985).

O verbo é o determinante da predicação verbal, ou seja, o responsável pela classificação do predicado em nominal, verbal ou verbo-nominal. O predicado nominal tem como núcleo um nome, chamado de predicativo do sujeito, o qual indica um estado ou qualidade do sujeito; o predicado verbal tem como núcleo um verbo transitivo ou intransitivo e; o predicado verbo-nominal tem dois núcleos, um deles composto por verbo transitivo ou intransitivo e outro composto por um predicativo do sujeito ou objeto, indicativo de estado ou qualidade de um ou de outro.

Quadro 6 – A predicação verbal em Língua Portuguesa

PREDICADO	COMPOSIÇÃO
NOMINAL	sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito Ex.: O menino está alegre.
VERBAL	verbo intransitivo Ex.: Os viajantes partiram.
	verbo transitivo direto + objeto direto Ex.: Pedro perdeu a caneta.
	verbo transitivo indireto + objeto indireto Ex.: Ela confia em você.
	verbo transitivo direto e indireto + objeto direto e indireto Ex.: Devolva os documentos ao diretor.
VERBO-NOMINAL	verbo intransitivo + predicativo do sujeito Ex.: Cláudia saiu contente.
	verbo transitivo + objeto + predicativo do objeto Ex.: A notícia deixou o professor preocupado.
	verbo transitivo + objeto + predicativo do sujeito Ex.: As pessoas observaram emocionadas aquela cena.

Fonte: Adaptado de Tufano (1990).

O verbo intransitivo não necessita de nenhum termo para completá-lo, pois encerra-se nele mesmo a ideia central da oração e o verbo transitivo exige um termo para completá-lo, o qual pode ser regido ou não de preposição. Caso não exija preposição, é classificado de verbo transitivo direto e seu complemento de objeto direto. Contudo, se exigir preposição é classificado de verbo transitivo indireto e seu complemento de objeto indireto. Há, ainda, casos em que o verbo transitivo exige dois complementos, um preposicionado, outro não, e, por isso, é classificado de verbo transitivo direto e indireto, sendo, obrigatoriamente, seguido de um objeto direto e um objeto indireto, não necessariamente nessa ordem. O verbo de ligação serve apenas como elo entre o sujeito e o predicativo do sujeito – termo que o modifica – não expressando, portanto, ideia de ação.

Saber o que é verbo transitivo ou intransitivo vai além de conhecer a nomenclatura, pois implica entender a obrigatoriedade ou não da utilização de termos essenciais em uma frase para que a comunicação, tanto escrita quanto falada, seja completa. Contudo, “a análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente. O mesmo verbo pode estar empregado ora

intransitivamente, ora transitivamente; ora com objeto direto, ora com objeto indireto" (Cunha; Cintra, 1985, p. 367).

Sob esse enfoque, Perini (2007) propõe uma análise na qual a transitividade ou intransitividade do verbo não seja considerada apenas diante da noção de exigência e recusa de complementos, mas no desdobrar de "pelo menos três classes de verbos, a saber, os que recusam OD (marcados [Rec-OD]), os que exigem ([Ex-OD]) e os que aceitam livremente ([L-OD])" (Perini, 2007, p.164).

Ressaltamos que a fluência na escrita em LP dos surdos não depende de nomenclatura ou análises gramaticais. Contudo, a gramática estabelece um norte para o "domínio dos elementos do léxico [...], bem como das possíveis combinações entre eles [...]. Esses dois tipos de conhecimentos representam o conhecimento mental do sistema de regra (ou gramática) da língua" (Salles *et al.*, 2007, p. 123). Todavia, como menciona Perini (2007), o verdadeiro papel da norma culta escrita deve ser salientado frente às variedades coloquiais, bem como devem ser esclarecidas as formas e necessidades de seu uso. Assim, o surdo precisa compreender que, diante da obrigatoriedade de utilização da LP em modalidade escrita, há, também, a necessidade da compreensão da variedade culta para sua devida aplicação. Sendo, portanto, imprescindível sanar as inadequações provenientes da transferência linguística da Libras para a escrita em LP.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Libras é a LN do surdo, enquanto a LP é imposta como sua L2, de acordo com a Lei Nº 10.436/2002. No entanto, a aquisição da LP envolve desafios devido às diferenças estruturais e de modalidade entre a Libras (visuoespacial) e a LP (oroauditiva). Ao escrever em LP o surdo tende a transferir elementos linguísticos da Libras, gerando inadequações gramaticais, evidenciando a complexidade do processo de aprendizagem para usuários nativos da Libras.

Constatamos, por meio da síntese comparativa realizada entre a gramática da Libras e da LP, que o verbo possui significativas diferenças devido a manifestações morfossintáticas. Em suma, no que se refere à conjugação e transitividade verbal, enquanto, na LP, o verbo é flexionado para marcar concordância de pessoa, número, tempo e modo, podendo ser transitivo ou intransitivo, em Libras, essas manifestações são acionadas por meio dos parâmetros CM, M, L, Or e ENM. Compreender essas distinções torna-se crucial para auxiliar o surdo a sanar as inadequações cometidas no ato da escrita em LP, promovendo uma educação mais inclusiva e de qualidade.

REFERÊNCIAS

- ASPILICUETA, Patrícia. Modelo de análise de erros aplicado à produção escrita de surdos: o estudo das preposições no português como segunda língua. **Signum: Estudos da Linguagem**, [s.l.], v. 9, n. 1, p. 11-42, jul. 2006. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3726>. Acesso em: 26 mar. 2022.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Polifolha, 2013.
- BRASIL. **Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 15 mar. 2020.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luix F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. 30. reimp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- FINAU, Rossana Aparecida. **Os sinais de tempo e aspecto na Libras**. 2004. 238 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2004.
- GESSER, Audrei. **LIBRAS? que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.
- PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira:** Estudos linguísticos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima *et al.* **Ensino de língua portuguesa para surdos:** caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2007.

TUFANO, Douglas. **Estudos da língua portuguesa:** gramática. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1990.